

Editorial

O ano de 2020 na RBMT é o ano XXII de publicações com o número 28. Aos leitores que se interessam por trabalhos de musicoterapia com bebês abrimos este número com a parte 2 da ferramenta de Intervenção Musicoterapêutica para Mãe-bebê Pré-termo - IMUSP, Em outro contexto, o uso da musicoterapia para pacientes com doença de Alzheimer -DA, é abordado no artigo de autoria interdisciplinar, num trabalho de revisão sistemática. O relato de experiência profissional reflexiva em Musicoterapia nos coloca diante dos impactos da Pandemia de COVID-19 no trabalho dos musicoterapeutas que atuam no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Se você tem interesse ou dúvidas sobre Musicalização terapêutica e o trabalho na área de educação especial, Ana Sheila Tangarife compartilha sua experiência de mais de 40 anos como musicoterapeuta. A experiência musical é reconhecida como promotora de prazer. Se considerado que essa experiência utiliza músicas preferidas, esse potencial de prazer aumenta. Com essa ideia básica, uma reflexão sobre o binômio dor e prazer moveu estudos bibliográficos sobre o trabalho de musicoterapia no tratamento da dor. Os resultados apontam a necessidade de mais estudos realizados por musicoterapeutas uma vez que os achados bibliográficos não separam a experiência musical da experiência musicoterapêutica. Para fechar esse número, uma publicação singular de trabalho realizado por estudantes de pós graduação em musicoterapia para a construção de um jogo de tabuleiro como ferramenta para o atendimento musicoterapêutico. Musicalmente é o nome dado a esse jogo que pretende unir intervenção musical com a brincadeira de jogar.

Ambra Palazzi e colaboradores, trazem na parte 2 do texto, a ferramenta IMUSP. Essa ferramenta foi criada no contexto de pesquisas em programas *Stricto Sensu* e adaptada para a prática clínica. A apresentação traz nos anexos A,B e C o protocolo de intervenção, o modelo da entrevista com a mãe e um quadro com composições realizadas com as mães. O IMUSP é uma intervenção precoce, individualizada e

centrada na família, que busca sensibilizar e apoiar o canto materno com o bebê pré-termo, afirmam os autores.

Maria Fonseca Soares Ferreira, Davi Neri Araújo, Alana Alves Farias, Vinicius Kolansky Rocha Bittencourt, Máisa Almeida Silva, Bianca da Silva Alcântara Pereira, Kiyoshi Ferreira Fukutani, escrevem sobre, Musicoterapia em pacientes com doença de Alzheimer – uma revisão sistemática. Tendo como base de dados a plataforma Medley / Pubmed. A maioria dos dados analisados revelam os benefícios do trabalho da musicoterapia na redução de sintomas psicológicos e comportamentais como, ansiedade e depressão, sob duas aplicações distintas da musicoterapia, a receptiva individual, e interativa em grupo.

Kézia Paz nos traz um relato reflexivo do trabalho de musicoterapia no Sistema Único de Saúde (SUAS) em tempos de pandemia do COVID19 no artigo “Como é que faz pra sair da ilha?” pontes e atravessamentos entre a pandemia, o SUAS e a musicoterapia”, num recorte de atuação com mulheres em situação de violência e vulnerabilidade social, usuárias de um serviço da rede socioassistencial em São Paulo. Destaca-se a oportunidade para aprofundar “a reflexão acerca da acessibilidade da Musicoterapia para populações mais vulnerabilizadas. É necessário o fortalecimento de espaços de participação e controle social pelos musicoterapeutas, e o reconhecimento da categoria como classe trabalhadora, que assim como outras categorias, sofre impactos do contexto político em vigência”.

Bruna Meneses; Fernanda Santos; Giovana Brizolla; Livia Luiz Costa-Lima Neto; Naurinei Costa; Paulo Alexandre Monteiro; Suzana de Alencar Freitas e Vinicius Martins, estudantes de Pós-Graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário, nos trazem uma entrevista com a musicoterapeuta Ana Sheila Tangarife abordando temas importantes como ‘musicalização terapêutica’, musicoterapia com crianças com deficiência intelectual e a interface entre aspectos terapêuticos da educação e educacionais na terapia.

Silene Aparecida Santana Jacinto, Ramon Werner Heringer Gutierrez e Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets, trazem um artigo como parte dos estudos de Pós - graduação em neurociências abordando a experiência com a música como redutor da

dor. Com os resultados verificaram que a eficácia da musicoterapia em pacientes hospitalizados relaciona-se à proximidade e integração dos circuitos neurais envolvidos na dor e no prazer, nos aspectos emocionais e cognitivos que são ativados em ambas as experiências e na interação dessas questões com o contexto atual.

July Andressa Budke Azevedo, Gelso Poletto Junior, estudantes de Pós graduação em Musicoterapia e *Nathalya de Carvalho Avelino* orientadora, durante o estágio do curso desenvolveram a proposta de um jogo de tabuleiro. O jogo *MusicalMente* deve ser aplicado por musicoterapeutas, nas sessões, a partir das dificuldades apresentadas pelos pacientes, a fim de auxiliar na evolução e alcance do objetivo terapêutico.

Deste modo na abertura e no fechamento, estão ferramentas construídas por musicoterapeutas para ajudar na realização do processo musicoterapêutico. Abrimos com o IMUSP - um protocolo de intervenção para bebês envolvendo a família em sua aplicação e fechamos com o jogo *MusicalMente*, uma proposta de ferramenta que pode ser dosada em sua aplicação conforme a demanda da pessoa atendida. Entre estas criações de ferramentas estão reflexões significativas dentro da Saúde Mental no trabalho junto ao SUAS, no trabalho com pessoa com o mal de Alzheimer e o relato da Musicoterapeuta Sheila Tangarife sobre sua trajetória de vida atendendo crianças na reabilitação motora tendo como estratégia a musicalização terapêutica, e a questão do prazer em experiência de audição musical. Contribuições importantes, sobre e para, prática profissional.

boa leitura!

Clara Piazzetta
Editora Chefe